

A PRESENÇA DA CULTURA ITALIANA NA FORMAÇÃO DO
ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES:
Possíveis representações simbólicas do Palácio Nilo Peçanha

Elaine Guimarães Godinho

RESUMO

Com o intuito de proporcionar visibilidade à história da imigração italiana em Campos dos Goytacazes, com vistas à valorização do patrimônio cultural e ao reconhecimento por parte da população acerca desta influência, este trabalho, através de pesquisa bibliográfica, reuni dados de parte do cenário urbano do início do século XX para análise do Palácio Nilo Peçanha, considerando aspectos como interesses econômicos, emprego e arquitetura. Além deste prédio, a cidade de Campos dos Goytacazes conta com numerosas construções da arquitetura de influência italiana, cujas histórias contribuem para memória da construção do espaço urbano. É inegável não apenas o legado arquitetônico que esta pequena população trouxe à região, como também outras contribuições ainda não catalogadas, pelo fato de haver poucos estudos organizados sobre como se deu sua instalação na cidade. Além disso, não se sabe ainda quais os verdadeiros motivos para tal e nem mesmo as contribuições para consolidação da cultura local. Neste artigo, se questiona possíveis simbologias agregadas à paisagem adquirida com esta construção.

Palavras-chave: Imigração italiana, Cultura, Patrimônio histórico, Palácio Nilo Peçanha, Campos dos Goytacazes.

GT-8: GEOGRAFIA HISTÓRICA URBANA

INTRODUÇÃO

A partir da corrente de pensamento da Nova Geografia Cultural, se analisa a paisagem urbana campista em determinado recorte espacial do final século XIX até a meados da metade do século XX, representada em elementos concretos para a memória coletiva. A base epistemológica que alicerça este artigo texto está na Geografia Cultural e segue a epistemologia de Bourdieu.

Nessa perspectiva, para analisar a paisagem, parte-se das construções sociais, da ideia que se faz acerca dos objetivos emergidos nas relações pessoais dos cidadãos. Considera-se que nesses espaços relacionais existem significados sociais, econômicos, ideológicos, religiosos, históricos, psicológicos, políticos, enfim, importante base cultural para os cidadãos atuais, que remete a seus antepassados. Bourdieu (2002, p.10) afirma: “Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”.

Durante a elaboração deste texto foi feita pesquisa documental, com consulta a livros, fotografias, documentos e mapas históricos disponíveis na *web*. O texto se limita à observação e descrição dos aspectos físicos, buscando inferir empiricamente possíveis relações entre esses elementos da paisagem e o contexto sócio-histórico. Os elementos espaciais construídos se reportam a um grupo social específico, que deixou impressos seus ideais estéticos.

O geógrafo Edward Charles Relph foi referenciado para justificar a ideia de essência de lugar, na qual “o ser é sempre articulado por meios de lugares específicos”.

A obra *A Invenção da Paisagem*, de Anne Cauquelin foi utilizada para reflexão acerca da paisagem construída e da provável relação simbólica que os autores quiseram imprimir nesta obra arquitetônica. Nessa perspectiva, Piaget norteia a construção do conhecimento; além de Cauquelin e Piaget, este artigo considera alguns preceitos dos psicólogos Jung e Sara Paín para análise dos pensamentos dos arquitetos italianos no processo criativo de construção.

O PENSAMENTO ITALIANO NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE CAMPOS

O município de Campos dos Goytacazes, localizado na região norte-fluminense é o maior município em extensão do Estado do Rio de Janeiro e conta com uma população estimada em 503.425 pessoas de acordo com o IBGE (2018).

Grande parte desta população desconhece a própria história do município. O fato de ter existido alguns fluxos migratórios de italianos no final do século XIX e início do XX, nele se instalar, contribuindo significativamente para sua construção e identidade, e de não haver registros organizados que contribuam para esta visibilidade, faz deste assunto o principal motivo deste artigo.

A urbanização Fluminense vem sendo estudada pelo Departamento de Geografia da Uerj desde 2001. Nas últimas décadas, houve um aumento significativo de estudos sobre imigração italiana no Brasil, principalmente em São Paulo e no Sul, visto serem estes os locais onde mais receberam imigrantes italianos. O fomento para esta imigração no país partia de ambas as partes: Itália e Brasil. Embora houvesse outros interesses das duas nações; a primeira, visava principalmente a minimizar os problemas sociais de uma jovem nação abalada por conflitos internos e pela guerra, e, a segunda, visava em primeiro lugar, à mão-de-obra barata, que viesse substituir imediatamente a escrava.

Emilio Franzina, professor da Universidade de Verona e um dos maiores especialistas em imigração italiana, afirma que para fazer qualquer análise relativa sobre a emigração italiana para o Brasil, é necessário fazê-la através de suas numerosas e distintas etapas:

a emigração apresenta quatro momentos distintos: as origens do fluxo migratório 1861-1875; primeira fase da imigração italiana 1861-1886; êxodo dos campos e a imigração permanente de massa nos anos da disputa colonial 1887-1901; emigração do Sul da Itália para os Estados Unidos e a conclusão do primeiro grande ciclo migratório 1902 – 1927; medidas restritivas dos anos 20 ao segundo pós-guerra 1927 – 1948. (FRANZINA, 2006, p.83)

Apesar de ter sido disseminada a ideia de que os italianos migrantes eram todos miseráveis e estavam em busca de sobrevivência em um lugar melhor para fugir das privações, inúmeras pesquisas sobre (e) migração italiana atesta o contrário. O historiador italiano Emilio Franzina afirma que ultimamente,

o pensamento mais refinado, no círculo restrito (ou no “gueto”?) do “especialismo”, parece ter optado por modelos de maior elasticidade em relação ao passado, atenuando o peso do clássico dispositivo binário atração-expulsão e convidando a uma árdua análise comparativa, abandonando as visões monocasuais e miserabilísticas dos êxodos.(FRANZINA 2006, p.14)

A emigração italiana precisa ser analisada no contexto da transição de um país agrícola e pré-industrial a um estágio de relativa, e totalmente específica, maturidade capitalista. Ainda de acordo com Franzina, a emigração italiana tem suas origens no período que compreende desde 1861 a 1875. Ele observa que o fluxo emigratório italiano fora sustentado como “válvula de escape” com a conivência, se não o incentivo, de setores dirigentes da sociedade italiana. A questão é sintomática quando observamos a ausência de movimentos e manifestações de resistência camponesa à estrutura econômica e social italiana. Por outro lado, os indivíduos que buscavam a emigração devido a esta situação de crise agrícola e agrária, enxergavam na América e na emigração a saída de sua situação de miséria e, mais do que isto, a possibilidade da concretização do sonho da propriedade da terra, pois, ao contrário da terra natal, com estímulos promovidos pelo Estado brasileiro, estes poderiam mais facilmente tornarem-se proprietários, melhorando então suas condições econômicas e sociais. (FRANZINA, 2006, p.34 -135)

É sabido que a imigração italiana no Interior do Estado do Rio de Janeiro se deu em Porto Real, no Médio Vale do Paraíba (associada à política imperial de fomento à imigração) e em Varre-Sai, no Noroeste Fluminense (essa associada à cultura do café). Mas até o início do século XIX, toda esta região se constituía administrativamente à capitania de Paraíba do Sul, que tinha como sede administrativa o município de Campos dos Goytacazes. Posteriormente, a partir de 1889 foi desmembrada, surgindo o município de Itaperuna e demais distritos, dentre ele, Varre-Sai. Dos migrantes que ali se estabeleceram, grande parte provém de Proceno e Graffignano, regiões do Lazio. Porém, bem antes desta data, já haviam oficialmente 85 italianos estabelecidos na região de Campos, como aponta a tabela 1, de acordo com o censo de 1872. Infere-se que os italianos estabelecidos em Campos não vieram dessas regiões, é provável que, maior parte dos imigrantes tenham origem das regiões do Vêneto e Friuli. Para Franzina (p.36), “o período das origens é o de mais difícil reconstrução, porque falta o suporte das estatísticas

oficiais”; por este motivo, não há como afirmar precisão no número de migrantes, apesar dos números oficiais.

CENSO POPULACIONAL DE 1872

Freguesia (Localidade)	Total de brasileiros	Total de estrangeiros	Total de italianos
Sto. Antônio dos Garulhos	6346	196	-
S. Sebastião	6725	039	-
S. Gonçalo	6722	026	3
Sta. Rita da Lagoa de Cima	4126	008	1
N. S. da Natividade do Carangola	3536	267	2
N. S. das Dores de Macabú	5900	051	6
N. S. da Penha do Morro do Coco	4586	072	1
S. Benedito	3370	025	-
S. Salvador de Campos	10441	1061	57
Senhor Bom Jesus do Itabapoana	2494	257	15

Tabela 1. Fonte: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf

Desembarcavam no porto do Rio de Janeiro já com o propósito de ocuparem a região Noroeste Fluminense, mais precisamente a Fazenda Bela Vista. Dessas famílias, catalogadas por CARVALHO (2009), nenhuma consta na lista do historiador campista Horácio de Sousa.

De acordo com os escritos de SOUSA (1935), as famílias Balbi, Escrennaz, Zaccaro, Bartolotti, Cardoni, Pauzal, Romano, Mángano, Ferraz, Portely, Cesario, Renne, Sant’anna, Grosso, Calomeni, Scovino, Profio, Ferreaiole, Benevento e Calomeni, são as italianas que contribuíram para a formação do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, através de ofícios diversos, na indústria açucareira, na música, na pecuária e no comércio. Porém, ainda pouco se conhece acerca de suas histórias e rotinas de vida nessa organização espacial. Estima-se que pelo fato de serem pertencentes a famílias cujos ofícios estavam ligados ao comércio; portanto, menos abastadas em relação à elite

econômica regional da época, não tenham ganhado notabilidade na história da cidade. Mas esse descuido para com as memórias dos estrangeiros que ajudaram a construir a urbanidade campista, também se deve por conta da prática de naturalização da segregação social, construída antes mesmo de nosso forjado nascimento nacional, e que, talvez em menor grau, ainda prevaleça. Mesmo com o fato de eles terem trazido a técnica e mão-de-obra mais especializada, ainda assim não ganhavam nos registros históricos a mesma notoriedade de um grande proprietário rural, independente de seus conhecimentos técnicos. Portanto, tal prática, originária ao longo dos últimos séculos para manutenção e o favorecimento dos “donos do poder”, é também fator desencadeante da invisibilidade histórica de inúmeros grupos sociais, como esse de estrangeiros. Para além desta especificidade brasileira na constituição do espaço urbano, existem dinamismos comuns à organização espacial que devem ser levados em conta. Nesse sentido, ao comparar a organização espacial a uma quadra poliesportiva polivalente, Corrêa (2011) afirma haver uma “lógica” entre as formas e interações espaciais que as tornam funcionais à sociedade. Assim,

O estudo da organização do espaço tem sua primeira razão de ser do fato da ação humana ter sido, já há muito tempo, uma ação especialmente diferenciada sobre uma natureza também diferenciada. A diferenciação do espaço construído pelo homem, como do próprio homem, é um dos traços que distingue a humanidade dos animais. Nesse sentido, estudar a organização do espaço é colocar em evidência uma das características essenciais da humanidade. A diferenciação espacial ou as organizações espaciais diferenciadas, deve ter enorme centralidade nas ciências que focalizam os diferentes grupos sociais. (CORRÊA, 2011 p.7)

Nas palavras do historiador Horácio de Souza, foi “imensa a colônia italiana em Campos”, cujos fomentos se deram nas áreas da lavoura, comércio, ofícios diversos, indústria, música, pecuária e constituição familiar. Esta foi a única citação acerca destes “jogadores” em livro sobre a história local.

A partir de 1902, o fluxo migratório para o Brasil diminuiu consideravelmente, enquanto os Estados Unidos e a Argentina passam a ser o foco dos imigrantes italianos. Entre 1902 e 1920, cerca de 70% dos imigrantes destinavam-se aos EUA.



Figura 1: Panfleto que os Agentes de Propaganda utilizavam para promover a emigração na Itália.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves - (54) 3055-7138

panfleto de propriedade da historiadora Assunta De Paris - assunta.deparis@gmail.com

Disponível em < <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/a-cidade/historia-da-imigracao> > acesso em:03/07/2019.

Através deste panfleto é possível inferir o fomento italiano de emigração: *Na América. Terra no Brasil para italianos. Navios de partida todas as semanas do Porto de Gênova. Venham construir seus sonhos com a família. Um país cheio de oportunidades. Clima tropical, vida em abundância. Riquezas minerais. No Brasil poderão construir seu castelo. O governo dá terra e utensílios para todos.*

Dada a forma de estabelecimento deste pequeno grupo de estrangeiros na planície goytacá, com habitações de luxo, é possível inferir que tal grupo estivesse ligado a alguma atividade econômica rentável, como no caso da família Benevento, cujo sobrenome refere-se a José Benevento, um dos dois arquitetos italianos responsáveis pela obra Palácio Nilo Peçanha, também conhecido como “antigo Fórum”, que hoje abriga a Câmara Municipal da cidade. O outro arquiteto italiano colaborador é o jovem romano Pietro Campofiorito. Juntos, eternalizaram a paisagem urbana campista com uma “réplica” do *Pathernon* ateniense. Mas ao contrário do primeiro, que se estabeleceu na cidade, deixando legado familiar, o segundo se estabeleceu em Niterói.

Fato social, costume brasileiro e herança da mentalidade colonial, as famílias proprietárias de terras, desde a época do império estimavam ter acesso à nobreza. Por este motivo, quando conseguiam títulos ou unir suas família com nomes ligados à realeza, mesmo que distantes, logo adotavam o sobrenome de maior prestígio. Portanto, muitos sobrenomes italianos jazem no esquecimento, omitidos nos registros civis. Além deste fato, muitos viajavam no anonimato, ou por terem idade avançada, ou por outros motivos, como receio de serem convocados para guerra. Ao fazer o registro no Brasil, não era raro ocorrer a troca de sobrenomes. Isto não ocorria apenas aqui, foi também prática comum na Austrália, nos Estados Unidos e na Argentina. Ainda não se conhece o verdadeiro motivo, mas todos os italianos que vieram para Campos não constam nos registros oficiais disponíveis *on line*.

Segundo relato de um dos descendentes do arquiteto José Benevento, em conversa informal via *chat* da rede social Facebook em 18/06/2019, acerca dos familiares,

O sobrenome Benevento, infelizmente se perdeu em nosso ramo. Minha avó, Conceição Benevento, se casou com um membro da família Pamplona Corte Real, que eram ligados ao imperador, com o tempo, todos foram optando por esse sobrenome.

Estima-se que tenham sido muitas as contribuições de Benevento e Campofiorito para o espaço arquitetônico, dentre elas, o inestimável “Paternon Campista” que imortalizou o centro da cidade. Apesar de ter sido baseado na arquitetura grega, seu traçado era ensinado na Academia de San Luca, em Roma, por onde o arquiteto Campofiorito passou. O palácio Nilo Peçanha nos transmite a ideia da grandiosidade do pensar greco-romano para a paisagem do espaço urbano campista. A provável intenção simbólica desta obra memora a construção não apenas de um lugar que nos aproxime de uma democracia ideal, como fora descrita a ateniense, mas principalmente evoca a construção de uma justiça exemplar. Acreditamos que ao criar esta paisagem, buscavam também satisfação, para Cauquelin,

Se existe um sentimento de satisfação conferido pela paisagem, é que existe uma forma que espera uma satisfação, um preenchimento. Isto é, trata-se aqui da adequação de um modelo cultural ao conteúdo singular que é apresentado. E, a meu ver, a satisfação aqui é justamente da ordem da retórica quando, fato bastante comum, uma forma cultural é preenchida por um

conteúdo que a ela adere, ao passo que ignorando a grande operação geral de intervenção da paisagem em natureza, os espectadores acreditam ver o que esperam de uma paisagem natural, sem reconhecer, a esse espetáculo uma arte ou um estilo particulares que possam dar ocasião a um juízo estético. (2007, p.119)

Ao re-criar o Paternon associando-o simbolicamente a um espaço construído para realizações de feitos jurídicos, de forma consciente ou não, os arquitetos imprimiram marcas miméticas que guardam histórias anteriores da justiça local. para JUNG,

Só o consciente é competente o bastante para determinar o significado das imagens e reconhecer o seu sentido para o homem, aqui e agora, na realidade concreta do seu presente. É apenas na interação do consciente com o inconsciente que este último pode provar o seu valor e, talvez mesmo, revelar uma maneira de vencer a melancolia do vazio. (2008, p.347)

É indiscutível a presença do pensamento italiano na forma de conceber a mobilidade urbana, em longas vias retas que cortam a cidade. Obviamente a estrutura de planície local contribui para este emprego, mas as vias estabelecidas, sobretudo ao entorno dos principais prédios e mansões deste estilo que ainda restam, provavelmente têm, sua maioria, projeção do arquiteto italiano José Benevento, dada sua atuação em inúmeros projetos na cidade.

De acordo com o IBGE, a inauguração do Palácio Nilo Peçanha, atual Câmara de Vereadores de Campos, ocorreu no dia 28 de março de 1935 em comemoração aos cem anos da cidade, apesar de sua construção ter sido publicada em 17 de julho de 1919.



Figura 2: Palácio Nilo Peçanha em Construção. Fonte:

<http://www.camaracampos.rj.gov.br/images/camara/historiadacamara/sede3.jpg> acesso em 26/06/2019

A obra ficou embargada por um período de 13 anos devido a motivos políticos. Em 1988, o prédio foi tombado pelo patrimônio histórico e compõe o conjunto arquitetônico conhecido como “Quadrilátero Histórico”, do qual também fazem parte os prédios do Liceu de Humanidade de Campos, Solar Visconde de Araruama, e da Casa de Cultura Vila Maria. Ele ocupa um quarteirão inteiro e situa-se em frente para uma das Avenidas mais importantes da cidade, a Alberto Torres.

É sabido que um novo conhecimento se constrói a partir de uma base de pensamento adquirido, assim, a referência prima dos arquitetos italianos na concepção de paisagem estão alicerçadas em paisagens de suas cidades-natal, e principalmente existem nas paisagens internalizadas por eles de Roma. Naturalmente há uma tentativa de construir um lugar que remeta a este ponto de partida; não apenas para criar um conforto psíquico, mas também trazer a ideia da cidade internalizada a fim de preencher um espaço vazio com a construção de um espaço que já existe. A mente humana não só repete este mecanismo no processo de aprendizado, como também o exterioriza na construção de um feito. Sobre esse mecanismo, Piaget afirma:

A aprendizagem dá-se através do equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, resultando em adaptação. Segundo esse esquema, o ser humano assimila os dados que obtém do exterior, mas uma vez que já tem uma estrutura mental que não está “vazia”, precisa adaptar esses dados à estrutura mental já existente. (in PINEL p.49)

Assim, a imagem do *Pathernon* evocaria também a realidade da paisagem greco-romana; portanto traria Roma para aquele espaço. Acerca da relação simbólica espacial do sujeito com o mundo, Paín declara que

A elaboração inconsciente do pensamento não consiste em fazer um inventário de seus objetos, mas traçar seus horizontes. Esse mundo não é pessoal nem individual, é essencialmente intersubjetivo. Não por causa das inter-relações que o sujeito mantém com os outros e sem as quais ele não existiria, mas principalmente em razão da continuidade histórica do ser humano. (PAÍN, 2009 p.107)

Originalmente, a decoração esculpida do *Pathernon* ateniense encontra-se nos frisos e nos frontões. Há representações lendárias nos frisos exterior e interior. E nos frontões estão representado o nascimento de Atena, saindo da cabeça de seu pai, Zeus, e a disputa da Ática por Atena e Poseídon. A ideia desta forma grega de conceber os prédios e eternizar a cultura através de contos esculpidos e imprimidos é assimilada pela cultura romana e permanece na expressão do belo decorativo das obras arquitetônicas. Porém, apesar de os arquitetos terem sido muito cuidadosos, detalhes desta magnitude não estão presentes na réplica de Campos.

O *Pathernon* também é um templo dórico, cujas colunas têm um capitel geométrico e muito simples, em forma de almofada. É ainda períptero, por ter colunas a toda a volta, e octástilo, pois possui oito colunas na fachada anterior, de entrada, e posterior, e dezessete - o dobro mais uma - nas fachadas laterais; como também possui semelhantemente o Paternon Campista.



Figura 3: Frontão do Palácio Nilo Peçanha. Arquivo Pessoal.

O tímpano do frontão principal contém uma alegoria alusiva à Lei e à Justiça, personalizadas nas figuras das deusas gregas Têmis e Athenas, sentadas como guardiãs do local. Na parte inferior do está grafado em números romanos o ano da inauguração do prédio, numa tentativa de imprimir ou demarcar na época histórica a sua construção. Desde a antiguidade clássica havia preocupação semelhante com a ideia de lugar; no entanto, o cartesianismo e as concepções newtonianas no século XVII afastaram este conceito da ciência. A retomada e o aumento do interesse pelo tema ressurge a partir dos anos de 1970, com a “virada espacial”, quando tal assunto passa a ser abordado pela geografia humanista.

Para Relph, (2014, p.29) “o ser é sempre articulado por meio de lugares específicos”. As experiências de lugar parecem resistir ao tempo. Para ele, o lar (proximidade do ser) é a essência de lugar, cujas todas outras são a ela comparada. Esta ideia comunga com a de Heidegger acerca da ligação intrínseca de ser e lugar e de Jeff Malpas, “à particularidade e à conectividade com a qual sempre experienciamos o mundo”.

O Palácio em algum sentido traria a ideia de uma formação política respeitável ao núcleo citadino, advinda do lugar-comum que se espalhou por toda Europa Ocidental em

que Athenas havia escolhido aquele lugar grego para padroado, fazer ali prosperar o comércio e o povoado de maneira inigualável sob a égide de sua função de deusa da sabedoria, pela qual conduziu o povo à democracia. “A maioria dos objetos que povoam nosso mundo não existem como objetos neutros de conhecimento. Eles funcionam como mediadores nas relações humanas estabelecidas”, Paín (2009, p.107).

A paisagem que se formou no espaço físico é também a busca de modelar o espaço não-físico.

A paisagem não é uma metáfora para a natureza, uma maneira de evoca-la; ela é de fato a natureza. Aqui se pode dizer: “Como? Se a paisagem não é natureza, o que ela, seria então? Falar, portanto, de uma construção retórica (de um artifício, desta vez linguístico) acerca da paisagem é crime de lesa-majestade. A natureza-paisagem: um só termo, um só conceito – tocar a paisagem, modelá-la ou destruí-la, é tocar a própria natureza. (CAUQUELIN 2007, P.39)

Nesta época, Campos era considerado núcleo de grande influência político-cultural do estado, podendo se equiparar à Niterói, *status* que continuou por algumas décadas, enquanto o Rio de Janeiro sediava a capital do país. Segundo ALVES (2009), em Campos havia um projeto de capitalidade por parte das elites.

O Palácio Nilo Peçanha funcionou como sede da justiça até o ano de 2007. A partir de 2008, o Palácio Nilo Peçanha passou a ser a Câmara de Vereadores de Campos dos Goytacazes. Sendo a terceira sede do legislativo municipal. Em 2013, o Palácio entrou na lista do Conselho de Preservação do Patrimônio Arquitetônico Municipal (COPPAM), que se localiza a Avenida Quinze de Novembro, no Centro da cidade. Nesse sentido, há de se falar em “rugosidades”, haja vista que a ideia de mobilidade construída e planejada arquitetonicamente ora é esquecida, ora é recuperada e ora ganha novos contornos e novos usos, termo utilizados por SANTOS (1996),

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. Da mesma maneira e com o mesmo ponto de partida, levanta-se a questão dos recortes espaciais, propondo debates de problemas como o da região e o do lugar, e das redes e das escalas. Paralelamente, impõem-se a realidade do meio com seus diversos conteúdos em artifício e a complementaridade entre uma tecnoesfera e uma psicoesfera. E do mesmo passo podemos

propor a questão da racionalidade do espaço como conceito histórico atual e fruto, ao mesmo tempo, da emergência das redes e do processo de globalização. O conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre esses conceitos constitutivos e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local. (SANTOS, 1996 p. 25-26)

Ao abordar a paisagem atual (adquirida) há de se pensar a(s) paisagem (s) substratas, e neste sentido, Cauquelin (2007, p.37) afirma que

é necessário ainda sair do círculo encantado da história da arte. Abandonar as obras, os artistas- mesmo que esse sacrifício seja penoso – e perguntar pelas novas estruturas da percepção introduzidas pela perspectiva. A meu ver, só então nos fixamos no mistério da paisagem, de seu nascimento.

O núcleo central da cidade, localizado às margens do rio Paraíba, é região de brejo; portanto, não raramente, sofria com alagamentos. Infere-se por meio de alguns registros históricos sobre mobilidade do município que a ideia de situar um prédio em local estratégico e menos propenso a inundações, que servisse à Justiça de forma a agilizar os trâmites de processos em um único lugar, foi estrategicamente pensado visando também ao conforto dos advogados e magistrados.

Antes, cartórios e tribunais estavam espalhados pelo centro, cuja mobilidade para os profissionais da Lei não agradava muito.

A escolha do lugar como região mais alta e próxima à propriedade do Barão da Lagoa Dourada, e de residências de pessoas ligadas ao poder, pode também ter relação com a forma de como se conduzia os trâmites políticos da época, visto ser a localidade marcada por interesses dos mais influentes produtores rurais desde o início.

A funcionalidade do prédio foi se perdendo à medida que houve o aumento de demandas advindas com as novas funções sociais, aumento da população e transformações tecnológicas, que obrigou o Fórum a se estabelecer em outro prédio que atendesse às atuais. A mudança ocorreu não só por estes motivos, mas pelo próprio fato do tombamento, que impedia reformas estruturais na rede de energia que pudesse suportar o aparato de TI – Tecnologia da Informação, necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, considerável parte da população campista não conhece o nome oficial deste prédio, quiçá de seus autores, de que esta obra se trata de uma das inúmeras réplicas do *Pathernon* ateniense espalhadas pelo mundo, e também da influência do estilo italiano para a construção da cidade. Até mesmo nos centros acadêmicos não é raro encontrar professores e alunos que desconheçam completamente o fluxo migratório de italianos para planície goytacá.

É fato que as marcas, ainda presentes, desse grupo de migrantes estão vivas, presentes e evidentes para um olhar atento às peculiaridades desta cultura.

Muitas construções de estilos italianos já foram demolidas. De acordo com Relph, a partir de meados do século XX, a paisagem construída no mundo europeu e americano estavam sendo mudadas rapidamente pela arquitetura moderna, na maioria das vezes nem nenhuma conexão com a história, o ambiente e as tradições. Soma-se a isto o fato de as corporações multinacionais constatarem que as identidades dos lugares tinham valor mercadológico, apoiado por geógrafos radicais e economistas políticos como David Harvey e Doreen Massey (2014, p.21).

Como ainda não houve uma catalogação acerca de todos os prédios de estilo neoclássicos italianos na cidade, não há como precisar a perda desta contribuição para memória da cidade.

Rememorar a cultura greco-romana em concretude tão próxima e acessível é possível, desde que inferências não só filosófico-literárias, mas principalmente sócio-políticas sejam feitas e divulgadas à população.

REFERÊNCIAS

ALVES, Heloiza Manhães. *A sultana do Paraíba: reformas urbanas e poder político em Campos dos Goytacazes, 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

CAMPOFIORITO, Pedro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24458/pedro-campofiorito>>. Acesso em: 04 de Jul. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7b

CARVALHO, Rosane Aparecida Bartholazzi. *Os italianos no Noroeste Fluminense: Estratégias Familiares e Mobilidade Social 1897-1950*. Disponível em :< <file:///C:/Users/user/Desktop/Italianos%20no%20Noroeste%20Fluminense.pdf>> acesso em 26/06/2019.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da Paisagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço, um conceito-chave da Geografia*. In: _____. *Geografia: conceitos e temas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001. p.15-47.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Organização do Espaço: Dimensões, Processo, Forma e Significados*. *Geografia*, Rio Claro, v.36, Número especial, p.7-16, jan 2011. Disponível em :< <https://gen2011urc.files.wordpress.com/2012/03/organizac3a7c3a3o-do-espac3a7o-dimensc3b5es-processo-forma-e-significados-e28093-roberto-lobato-corr3aaa.pdf>> acesso em 06/07/2019.

FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 2006.

IBGE:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=445268>

JUNG, Carl G. *O homem e seus Símbolos*. 4ªed. São Paulo: Nova Fronteira, 2008

PAÍN, Sara. *Os fundamentos da Arteterapia*. 1ª. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2009.

PEREIRA, José Manoel de Siqueira. In: *Evolução Urbana e Arquitetura em um bairro de Campos dos Goytacazes*. *Perspectiva Online – Revista Científica*, v. 2, n.6 (2008)



PINEL, Iran. *Fundamentos da Educação 1. Psicologia da Educação*. Disponível em: <https://ead.ufes.br/pluginfile.php/107385/mod_resource/content/1/Psicologia%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> acesso em: 26/06/2019.

PONTES, Cíntia. *Um olhar sobre a arte. O Pártenon e Atena Niké*. Disponível em: <<https://umolharsobrearte.blogs.sapo.pt/tag/templo+do+p%C3%A1rtenon>> acesso em 06/07/2019.

RELPH, Edward. *Reflexões sobre Emergência, Aspectos e Essência de Lugar*. In MANDAROLA JR., Eduardo et al. *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo, Perspectiva, 2014. p. 17-32.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* - 4. ed.. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOUSA, Horácio. *Cyclo Aureo: História do 1º Centenário de Campos*. Campos dos Goytacazes/RJ: Essentia, 2014.

TAVARES, R.C. & MIRANDA, E. *Representações no espaço: o quadrilátero histórico em Campos dos Goytacazes, 2009*. Disponível em <<file:///C:/Users/user/Downloads/4300-11388-1-PB.pdf>> acesso em 04/06/2019.